



Recebido: 09/03/2023 | Revisado: 04/08/2023 | Aceito: 08/08/2023 | Publicado: 31/08/2023



This work is licensed under a  
Creative Commons Attribution 4.0 Unported License

DOI: 10.31416/rsdv.v11i2.586

## **Empreendedorismo rural feminino e agroecologia**

*Female rural entrepreneurship and agroecology*

**GUEDES, Albertina Marília Alves Guedes. Doutoranda/Psicóloga.**

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental pela Universidade do Estado da Bahia, Campus Juazeiro. Professora do IFSertaoPE, Campus Petrolina. Rua Maria Luzia de Araújo Gomes Cabral, 791. Petrolina, PE. Brasil. CEP: 56316-686. Telefone: (87) 2101-4300. E-mail: albertina.guedes@ifsertao-pe.edu.br

**LINS NETO, Ernani Machado de Freitas. Doutor em Biotecnologia/Biológo.**

Professor da Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Senhor do Bonfim. Professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental pela Universidade do Estado da Bahia, Campus Juazeiro. Avenida Edgar Chastinet, s/n, Juazeiro, BA, Brasil. CEP: 48900-000. Telefone: (74) 3611-7363. E-mail: ernani.linsneto@univasf.edu.br

**PACHECO, Clecia Simone Gonçalves Rosa. Doutora em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial/Geógrafa.**

Professora do IFSertaoPE, Campus Petrolina. Professora no Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental pela Universidade do Estado da Bahia, Campus Juazeiro. Avenida Edgar Chastinet, s/n, Juazeiro, BA, Brasil. CEP: 48900-000. Telefone: (74) 3611-7363. E-mail: clecia.pacheco@ifsertao-pe.edu.br

**SANTOS, Maria Herbênia Lima Cruz. Doutora em Agronomia/Engenheira Agrônoma.**

Professora da Universidade do Estado da Bahia, Campus Juazeiro. Professora no Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental pela Universidade do Estado da Bahia, Campus Juazeiro. Avenida Edgar Chastinet, s/n, Juazeiro, BA, Brasil. CEP: 48900-000. Telefone: (74) 3611-7363. E-mail: mhlsantos@uneb.br

**COCOZZA, Fábio del Monte. Doutor em Engenharia Agrícola/Engenheiro Agrônomo.**

Professor da Universidade do Estado da Bahia, Campus Euclides da Cunha. Professor no Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental pela Universidade do Estado da Bahia, Campus Juazeiro. Avenida Edgar Chastinet, s/n, Juazeiro, BA, Brasil. CEP: 48900-000. Telefone: (74) 3611-7363. E-mail: fabiococozza@uneb.br

### **RESUMO**

O artigo tem como objetivo apresentar quais podem ser as possibilidades de atividades empreendedoras de viés agroecológico desenvolvidas por mulheres rurais. A partir desse contexto, este estudo apresenta uma pesquisa de revisão sistemática com abordagem qualitativa sobre mulheres empreendedoras rurais. A referida revisão teórica sistemática foi realizada no primeiro semestre do ano de 2023. Os critérios de inclusão dos textos consultados, selecionados e analisados foram: ser artigo científico, dissertação ou tese disponível gratuitamente em periódicos indexados e publicado entre os anos de 2015 a 2023, e; apresentar resultados de pesquisa de campo desenvolvidas no Brasil sobre mulher e empreendedorismo rural com embasamento agroecológico. Para tanto, foram utilizados os bancos de dados do *SciELO*; *Scopus*; *Science Direct*, *Google Acadêmico* e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações da CAPES. Após a aplicação dos critérios de inclusão, foram selecionados 12 textos acadêmicos e científicos que revelaram que, atualmente, as mulheres rurais são mais ativas no desenvolvimento de atividades empreendedoras e, portanto, demonstram maior visibilidade quanto à gestão e desenvolvimento de atividades econômicas. Alguns dos resultados obtidos nesta pesquisa revelam que as atividades agroecológicas desenvolvidas pelas mulheres dizem respeito a: cultivo de frutas, raízes, leguminosas, verduras e hortaliças; produção de pães, doces e biscoitos; extrativismo de sicupira, jatobá e mangaba; criação



de animais; dentre outros. Todas as empreendedoras relatam ter dificuldades relacionadas à gestão do negócio, principalmente em relação a: falta de investimento, excesso de atividades que precisam realizar, além da gestão do próprio negócio. Relatam ainda que o empreendimento contribui significativamente no sustento da família. Por fim, espera-se que este estudo possa contribuir na ampliação de conhecimentos teóricos relacionados a atividades rurais empreendedoras e agroecológicas desenvolvidas por mulheres que residem no campo.

**Palavras-chave:** Agroecologia; Empreendedorismo; Mulher Rural.

## ABSTRACT

The article aims to present which can be the possibilities of entrepreneurial activities with an agroecological bias developed by rural women. This study concerns a systematic review research carried out in the first half of 2023. The inclusion criteria of the consulted, selected and analyzed texts were: being a scientific article, dissertation or thesis available free of charge in indexed journals and published between the years 2015 to 2023, and; present results of field research developed in Brazil on women and rural entrepreneurship with an agroecological basis. For this purpose, the following databases were used; *SciELO*, *Scopus*; *Science Direct*, *Google Scholar* and the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations by CAPES. After applying the inclusion criteria, twelve academic and scientific texts were selected which show that, currently, rural women are more active in the development of entrepreneurial activities and, therefore, demonstrate greater visibility regarding the management and development of economic activities. Some of the results obtained in this research also reveal that the agroecological activities carried out by women relate to: cultivation of fruit, roots, leguminous plants, greens and vegetables; production of bread, sweets and biscuits; extractivism of sicupira, jatobá and mangaba; animal husbandry; among others. All entrepreneurs report having difficulties related to business management, mainly in relation to: lack of investment, excess of activities they need to carry out, in addition to managing their own business. They also report that the enterprise contributes significantly to the livelihood of the family. Finally, it is expected that this study can contribute to the expansion of theoretical knowledge related to entrepreneurial and agroecological rural activities developed by women who live in the countryside.

**Keywords:** Agroecology; Entrepreneurship; Rural Woman.

## Introdução

O empreendedorismo tem se destacado como possibilidade de fortalecimento das economias locais, regionais e nacionais visto que, a partir de uma oportunidade é possível promover o crescimento econômico. Sobre essa perspectiva, para Rodrigues Lopes e Santos (2022, p. 2), o empreendedorismo diz respeito a capacidade de identificar problemas e oportunidades, desenvolver soluções e investir recursos na criação de algo que possa contribuir com o desenvolvimento social as quais podem ser: “a criação de um novo empreendimento, uma atividade autônoma e individual, uma nova empresa, a expansão de um empreendimento já existente, um movimento que promova mudanças de impacto no cotidiano das pessoas”. Na concepção de Rodrigues Lopes e Santos (2022), a principal característica que uma pessoa deve ter para desenvolver habilidades empreendedoras consiste em ter uma percepção aguçada para perceber e aproveitar oportunidades no âmbito dos negócios.

Concernente o empreendedorismo feminino Kai e Queiroz (2022, p. 17) apresentam que é concebido “como uma importante iniciativa para as mulheres, permitindo que elas possam desenvolver seus potenciais, contando com a superação de preconceitos de gênero, a flexibilidade



de horários, além da geração de renda e oportunidades para outras pessoas”. Por outro lado, em relação ao empreendedorismo rural com embasamento nos princípios da Agroecologia, a mulher tem demonstrado ousadia e coragem em desenvolver atividades econômicas apesar dos desafios e dificuldades que tem encontrado e, em consequência disso, é possível verificar casos em que há geração de renda, autonomia, qualidade de vida, desenvolvimento socioeconômico, dentre outros aspectos oriundos do trabalho empreendedor desenvolvido por mulheres rurais.

Neste contexto, a agroecologia enquanto ciência se constitui numa possibilidade viável de produzir sem agredir o meio ambiente, valorizando relações de produção humana e estimulando o consumo sustentável a partir de uma agricultura que busca superar os danos causados à biodiversidade e sociedade pela utilização de defensivos, fertilizantes, agrotóxicos, dentre outros, os quais contaminam e danificam o solo, o ar e a água (BETANHO, LOPES e LOPES, 2020). Caporal (2009, p. 4), considerado um dos principais estudiosos da agroecologia, ressalta que, “mais do que simplesmente tratar sobre o manejo ecologicamente responsável dos recursos naturais”, a agroecologia consiste em uma área de conhecimento científico que leva em consideração o enfoque com embasamento holístico e sistêmico a qual busca contribuir com o desenvolvimento social e econômico.

Diante do que é descrito acima, esta pesquisa tem como objetivo apresentar quais podem ser as possibilidades de atividades empreendedoras de viés agroecológico desenvolvidas por mulheres rurais. É considerado um estudo relevante uma vez que o trabalho desenvolvido por mulheres, é historicamente invisível, principalmente, no que diz respeito ao empreendedorismo rural feminino embasados nos princípios agroecológicos. Além disso, também é considerado relevante devido haver poucas discussões no meio acadêmico, bem como, políticas públicas que valorize de forma mais eficaz as iniciativas de mulheres empreendedoras rurais. Por fim, apesar de ter ocorrido alguns avanços no campo de políticas públicas em relação ao desenvolvimento econômico rural, ainda existem muitas lacunas no que diz respeito à consolidação de ações estratégicas que valorizem o empreendedorismo rural feminino.

## Material e métodos

Essa revisão teórica sistemática foi realizada no primeiro semestre do ano de 2023 com embasamento no que é apresentado por Sampaio e Mancini (2007), e, Silva, Santos e Andrade (2023). A pergunta norteadora para o desenvolvimento deste estudo foi: “Quais são as possibilidades desenvolvidas por mulheres empreendedoras, de realização de atividades pautadas nos princípios da Agroecologia?” Os critérios de inclusão dos textos selecionados, consultados e analisadas foram: a) ser trabalho publicado entre os anos de 2015 até o primeiro semestre de 2023; b) ser publicações acadêmicas e científicas de pesquisa de campo desenvolvidas no Brasil sobre empreendedorismo rural agroecológico, c) o sujeito da pesquisa deve ser mulheres que desenvolvem atividades agroecológicas no âmbito rural, e, d) ser artigo científico, dissertação ou tese disponível gratuitamente em periódicos indexados. Para tanto, foram utilizados os bancos de dados do *SciELO*; *Scopus*; *ScienceDirect*, *GoogleScholar* e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações



disponível na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Ressalta-se que foram excluídos livros, artigos de revisões, resumos simples e resumos expandidos.

Este estudo visa contribuir na ampliação de conhecimentos teóricos relacionados a atividades rurais empreendedoras e agroecológicas desenvolvidas por mulheres que residem no campo. Sendo assim, os dados foram organizados e apresentados a partir de uma abordagem qualitativa do tipo descritiva versando sobre a temática “mulher rural”, “mulher do campo”, “empreendedorismo” e “agroecologia”.

## Resultados e discussão

Nas buscas iniciais realizadas no *SciELO*, *Scopus*, *Science Direct*, *Google Acadêmico* e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações foram encontrados 41 textos acadêmicos e científicos, dentre eles, artigos completos, dissertações de mestrado e teses de doutorados. Todavia, após a leitura e levando em consideração os critérios de inclusão para leitura e análise dos mesmos, apenas 11 textos acadêmicos e científicos foram selecionados, sendo estes, 10 artigos científicos, 1 dissertação de mestrado e nenhuma tese de doutorado. A seguir é apresentado os resultados obtidos nos estudos acima citados.

A Tabela 1 apresenta detalhes de cada publicação selecionada a: código de identificação do artigo, título do artigo, identificação dos autores, tipo de produção científica e ano de publicação.

**Tabela 1.** Produções científicas sobre empreendedorismo rural feminino de viés agroecológico publicados em revistas indexadas e em Programas de Pós-Graduação entre os anos de 2015 até o primeiro semestre de 2023. Convenções: (A) artigo; (D) dissertação; (T) teses.

Código	Título	Autor(es)	Tipo de Produção	Ano
1	Agricultura familiar e associativismo: o caso da Associação das Mulheres Empreendedoras Rurais de Palmeira em Glória do Goitá/PE	João Gabriel da Silva Brito Betânia Maciel	A	2015
2	A participação feminina na agricultura agroecológica: um estudo do caso na região norte do Rio Grande do Sul	Jordana Georgin José Geraldo Wizniewsky Gislayne Alves Oliveira Ana Lúcia Denardin da Rosa	A	2015
3	É trabalho, não é ajuda! Um olhar feminista sobre o trabalho das mulheres na agroecologia	Vanessa Schottz Maitê Maronhas Elisabeth Cardoso	A	2015
4	As mulheres rurais na produção de alimentos orgânicos	Antônia Egídia Souza Mariana Flores Eliziane Alves Marcia Gilmar Marian Vieira	A	2017
5	Teçume-Igapó: mulheres unidas pela Amazônia	Thiago Cavalli Azambuja Jolemia Cristina N. das Chagas Francisca Dionéia Ferreira	A	2018
6	Empreendedorismo feminino na produção rural: um estudo no oeste catarinense	Fabrcio Simplício Maia Jaqueline Jéssica Gielda Tatiane Silva Tavares Maia	A	2019



Código	Título	Autor(es)	Tipo de Produção	Ano
7	Cadernetas agroecológicas e feminismo: o trabalho e a renda das agricultoras e extrativistas da amazônia paraense se tornam visíveis	Andreia Cristine ScalabrinAldebaran do S. F. de Moura Beatriz da Luz Cruz Jaqueline Felipe dos Santos Maria das Graças de F. Costa Mylene dos Santos Santana	A	2020
8	Vivências femininas da agricultura orgânica: como se organizam as agricultoras agroecológicas do noroeste rio-grandense	Márcia Gilmara Marian Vieira Jocimar Fischer Cláudia Petry	A	2020
9	Empreendedorismo rural feminino: mulheres na olivicultura da região sul do Rio Grande do Sul	Alessandra Bandeira da Rosa	D	2021
10	Empreendedorismo cultural sustentável de mulheres indígenas do povo Kanindé de Aratuba, Ceará	Antônio Leonardo M. de Aquino Antônio Roberto Xavier Karla Renata de Aguiar Muniz	A	2022
11	Cooperação e associação econômica de mulheres kalungas na extração e venda de sementes e frutos do cerrado: um estudo na comunidade quilombola de Monte Alegre/GO	Telma Ferreira da Costa Teles Josélia Batista Dias de Souza Edson Arlindo Silva	A	2023

Fonte: Própria dos Autores (2023)

A seguir é apresentado os resultados obtidos nas pesquisas de campo publicadas pelos respectivos autores nos textos consultados e selecionados nesta revisão sistemática.

Um estudo realizado por Brito e Maciel (2015) intitulado “Agricultura familiar e associativismo: o caso da Associação das Mulheres Empreendedoras Rurais de Palmeira em Glória do Goitá/PE” teve como principal objetivo analisar como se dá a organização da Associação das Mulheres Empreendedoras Rurais de Palmeira (AMERP). Os resultados obtidos nesta pesquisa revelaram que a referida associação está localizada na zona rural na cidade de Glória do Goitá/PE. Foi fundada e institucionalizada em 28 de julho de 2009 e, para isso, teve o apoio do Instituto Verde do Recife. Inicialmente contava com a participação de 30 associadas com idades entre 18 e 50 anos, e, o grau de instrução escolar era, no máximo, ensino médio. A associação foi fundada com o objetivo de consolidar a produção de artesanato de fabricação ornamental de rosas silvestres e cultivo de produtos orgânicos. Em 2011, o Instituto Verde ofereceu a 3 associadas um curso de padaria e pastelaria proporcionando, com esta iniciativa, mais uma maneira de geração de renda para as associadas.

A referida associação ainda recebe o apoio da Associação de Profissionais da Agricultura Orgânica (APORG) a qual disponibiliza um veículo para as participantes da AMERP comercializarem e fazerem entrega de produtos na região metropolitana do Recife, bem como zona da mata e agreste pernambucano. Alguns dos produtos orgânicos comercializados nas feiras agroecológicas são: limão, maracujá, inhame, macaxeira, pimentão, cebola, alface, coentro, tomate, beterraba, pepino,



dentre outros. Os resultados obtidos neste estudo são corroborados com a concepção de empreendedorismo apresentada por Sampaio Neto et al. (2022, p. 74) quando enfatizam que diz respeito a (...) “visualizar negócios e oportunidades, com inovação permanente e riscos calculados, com o objetivo de obter rendimentos, reconhecimento e crescimento no mercado” uma vez que empreender “significa fazer algo novo, diferente, mudar a situação atual e buscar, de forma incessante”.

De acordo com Brito e Maciel (2015), o trabalho desenvolvido pelas mulheres que fazem parte da AMERP é considerado um exemplo de sucesso visto que, mesmo com poucos recursos financeiros conseguem desenvolver um trabalho e gerar renda. Uma estratégia exitosa que a associação fez uso foi a formação de parcerias com outras associações. Tal postura possibilitou ampliar a produção e respectivamente a venda dos produtos fornecidos pela a AMERP. Além disso, a dedicação, comprometimento e união entre as associadas viabilizou superar muitas das dificuldades encontradas corroborando o que é destacado por Leal et al. (2020) no que diz respeito as estratégias que podem contribuir no desenvolvimento rural sustentável e valorizando as ações empreendedoras realizadas por mulheres no sistema de base agroecológica.

Uma pesquisa realizada por Georgin et al., (2015) intitulada “A participação feminina na agricultura agroecológica: um estudo do caso na região norte do Rio Grande do Sul” objetivou analisar a participação feminina em práticas agroecológicas e o quanto a figura feminina está presente nas decisões financeiras relacionadas a produção agrícola na propriedade rural em pequenos municípios da região norte do estado do Rio Grande do Sul. Os municípios que abrangem o referido estudo são: Ronda Alta, Rondinha e Três Palmeiras, com aproximadamente 450 quilômetros de distância da capital Porto Alegre e tem como principal fonte de renda a agricultura.

Os resultados obtidos nesta pesquisa revelaram que, para as mulheres entrevistadas, a decisão de permanecer na zona rural e investirem na produção agroecológica viabilizou elevar as vendas e, em consequência disso, também elevou os rendimentos investidos, em relação ao que produziam anteriormente quando a produção seguia o modelo tradicional e exigia altas jornadas de trabalho devido ao tamanho da área cultivada. Georgin et al. (2015) destacam que as atividades agrícolas realizadas pelas mulheres com embasamento na agroecologia possibilitaram mudanças positivas em relação a quantidade e qualidade de tempo de trabalho uma vez que o tempo utilizado na atual produção é menor e os produtos cultivados de melhor qualidade.

Georgin et al.(2015) ressaltam que, neste estudo realizado nos três municípios, a posição que a mulher tem exercido diante do processo de agricultura familiar de base agroecológica tem se mostrado uma alternativa viável e promissora uma vez que possibilita a agregação de valor à produção, geração de excedente, eleva a autonomia produtiva e qualidade de vida das mulheres produtoras. Todavia, ainda predomina a decisão masculina no que tange a aspectos financeiros.

O artigo intitulado “É trabalho, não é ajuda! Um olhar feminista sobre o trabalho das mulheres na agroecologia” das autoras Schottz, Maronhas e Cardoso (2015) faz uma discussão sobre as desigualdades nas relações de poder e nos papéis desempenhados por cada membro das famílias agricultoras visando sistematizar as experiências agroecológicas protagonizadas por 56 mulheres agricultoras, camponesas, agroextrativistas, indígenas e quilombolas. Este estudo esteve embasado



à luz da economia feminista pautada em Nobre (2003) o qual considera que qualquer atividade realizada em um agroecossistema de trabalho pode ser categorizada como reprodutivo ou produtivo, sendo o trabalho reprodutivo aquele que tem como função a produção doméstica de bens e serviços, além da execução de tarefas de cuidado e/ou apoio a pessoas dependentes, por outro lado, o produtivo é aquele que gera bens/produtos com finalidade comercial e econômica. Os depoimentos das participantes ainda revelaram que alguns chefes de família restringe ou mesmo impede a participação das mulheres em grupos produtivos e em espaços de auto-organização.

De acordo com Scalabrin et al. (2020) o trabalho rural desenvolvido por mulheres, na maioria das vezes, não é considerado trabalho, mas apenas ajuda, mesmo quando este trabalho é idêntico às feitas por homens. Tal dado tem sido confirmado por diversos estudos relacionados a “invisibilidade” e “sobrecarga do trabalho” da mulher. Além disso, quando se trata do gerenciamento financeiro as mulheres relataram terem pouca ou nenhuma participação ficando esta decisão apenas com o genitor da família. Por fim, segundo a avaliação das próprias mulheres, a proposta da sistematização possibilitou que as mulheres refletissem sobre suas próprias experiências permitindo perceberem suas contribuições em relação as atividades agroecológicas as quais desenvolvem na produção e vendas de seus produtos, tais como: hortaliças, doces, artesanato, dentre outros. Por fim, as experiências relatadas pelas participantes contribuiu para o empoderamento das mulheres, que, a partir de então, puderam sair do âmbito estritamente doméstico, aumentando a sua participação em espaços públicos, obtendo mais independência, elevando a autoestima e autonomia econômica numa perspectiva ativa de superação da divisão sexual do trabalho.

Uma pesquisa realizada por Souza et al., (2017) intitulado “As mulheres rurais na produção de alimentos orgânicos” buscou investigar: 1) o perfil das mulheres rurais que empreendem no cultivo de alimentos orgânicos, 2) os motivos que as induziram a iniciar esse tipo de atividade econômica, e, 3) o quanto estão satisfeitas com a iniciativa. Teve a participação de sete mulheres empreendedoras rurais que cultivam frutas, hortaliças e legumes orgânicos.

As participantes da pesquisa têm faixa etária entre 45 e 70 anos de idade, seis participantes são casadas e uma é viúva. Duas participantes tem o Ensino Médio e as demais tem o Ensino Fundamental I. Apenas uma delas tem origem urbana, as demais sempre residiram na zona rural. Conforme relatado, alguns dos motivos que as induziram em empreender no cultivo de produção orgânica foi obter renda própria, contribuir nas despesas da família, ser um produto que tem elevado a procura por parte dos consumidores, devido ser um produto saudável. Em relação à satisfação das participantes em relação a atividade empreendedora que desenvolvem os resultados obtidos nesta pesquisa revelaram que as mulheres estão focadas na criação de negócios com o objetivo de gerar renda adicional e assim poder contribuir nas despesas da família. Por fim, os dados revelaram ainda que, apesar das dificuldades enfrentadas as participantes relataram que o empreendimento contribui para a criação de meios de vida que permitem que as famílias se mantenham campo (SOUZA et al., 2017).

Um estudo desenvolvido por Azambuja, Chagas e Ferreira (2018) intitulado “Teçume-Igapó: mulheres unidas pela Amazonia” relata uma experiência sobre geração de renda e empoderamento



de mulheres residentes nas proximidades dos rios Tupana e Igapó-Açu, no Estado do Amazonas. Durante a coleta de dados deste estudo o grupo de mulheres era constituído por 50 participantes, as quais obtinham o sustento mediante o cultivo e comercialização de produtos derivados da mandioca de modo sustentável, bem como a produção de artesanato ecológico.

Visando elevar a qualidade do produto que empreendiam as mulheres desenvolveram iniciativas inovadoras por meio da troca de saberes visando garantir a inserção dos produtos artesanais nos mercados locais, regionais e internacionais. Ainda neste momento passaram a inserir a implementação de técnicas de cultivos sustentáveis, respeitando as tradições e saberes locais, gerando renda e elevando o empoderamento de todas as participantes. Conforme apresentado pelas autoras, neste relato de experiência, é possível perceber uma maior participação das mulheres em relação a atuação política, social, econômica e ambiental. Foi possível perceber também a autonomia econômica do grupo de mulheres participantes, buscaram fazer uso de novas tecnologias nas atividades econômicas desenvolvidas visando o manejo sustentável dos recursos utilizados levando em consideração a concepção agroecológica (AZAMBUJA; CHAGAS; FERREIRA, 2018).

Uma pesquisa realizada por Maia, Giêlda e Maia (2019) na região oeste do estado de Santa Catarina, intitulada “Empreendedorismo feminino na produção rural: um estudo no oeste catarinense”, teve a participação de seis mulheres e objetivou identificar se as ações das gestoras rurais apresentam características empreendedoras e, caso possuam, quais são essas características. De acordo com dados da Fundação de Estudos e Pesquisas Socioeconômicos do Estado de Santa Catarina (FEPESE, 2019), a região oeste do estado apresenta predominância de pequena propriedade rural. Os dados foram coletados mediante um roteiro de entrevista semiestruturado e descrevem os motivos pelos quais as mulheres atuam em atividades produtivas no âmbito rural.

Os resultados obtidos na pesquisa indicam que o desenvolvimento de atividades produtivas está relacionado a continuidade de negócios familiares, a saber: “produção de frutas, legumes e verduras; panificados; queijos; embutidos, e; produção de plantas medicinais” (MAIA; GIELDA; MAIA (2019, p. 223). Os resultados obtidos ainda apresentam que as mulheres demonstram características empreendedoras importantes para o desenvolvimento do negócio, tais como: capacidade de liderança, busca de informação, persistência, criatividade, planejamento estratégico, manutenção de relações interpessoais, comprometimento, proatividade, tomada de decisão, dentre outras. Estes dados corroboram o que é mencionado por Borges, Barroso e Moreira (2012) quando ressaltam que, cada vez mais as mulheres buscam por informações e conhecimentos sobre o seu empreendimento, e, por este tipo de iniciativa, muitas vezes, podem ser consideradas modelos de gestão. Por fim, algumas das principais dificuldades relatadas pelas mulheres participantes da pesquisa diz respeito a: falta de recursos e investimento na área que empreendem, falta de investimentos para a compra dos insumos aos fornecedores, alto custo da produção, bem como o risco de contaminação devido ao uso de agrotóxicos.

Um estudo desenvolvido por Scalabrin et al. (2020) intitulado “Cadernetas agroecológicas e feminismo: o trabalho e a renda das agricultoras e extrativistas da Amazônia paraense se tornam visíveis” objetivou demonstrar que os espaços protagonizados pelas mulheres da Amazônia paraense geram diversidade de alimentos e renda a suas famílias. Teve a participação de 30 mulheres que



residem em 13 comunidades rurais localizadas em 5 municípios da região amazônica no estado do Pará, a saber: Igarapé Mirim, Abaetetuba, Santo Antônio do Tauá, Santarém e Belterra. As participantes foram monitoradas durante um período de 12 meses e receberam 5 visitas técnicas da Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE). Nestas visitas técnicas puderam obter conhecimento técnico e prático relacionados a atividade que empreendiam. As atividades desenvolvidas foram registradas na Caderneta Agroecológica as quais passaram a fazer uso com o objetivo de viabilizar registrar e verificar o planejamento e gestão das rotinas de cultivo e/ou extração de produto, e, quantificar e monetizar o que era consumido, doado, trocado ou vendido.

De acordo Scalabrin et al. (2020), a visibilidade do papel social e econômico desempenhado pelas mulheres agricultoras nesta região é importante uma vez que tem gerado sustentabilidade, diversidade produtiva, segurança alimentar e nutricional, e, geração de renda. Este estudo ainda permitiu verificar que o uso da Caderneta Agroecológica pode ser considerada uma ferramenta que contribui para elevar a autonomia econômica e visibilidade ao trabalho desenvolvido das mulheres empreendedoras os quais, conforme ressaltado por Scalabrin et. al. (2020), não se limitam apenas a quintais produtivos e/ou margens dos rios, mas ampliam-se a unidades produtivas, bem como nas florestas as quais as mulheres fazem atividades extrativistas sempre respeitando os preceitos da perspectiva agroecológico. Os resultados obtidos nesta pesquisa também revelaram que as atividades produtivas desenvolvidas pelas mulheres dispõem de mais de 140 variedades biológicas advindas do extrativismo, cultivo de plantas, dentre estes, frutas, hortaliças, ervas medicinais, tubérculos, grãos, e a criação de pequenos animais.

O estudo “Vivências femininas da agricultura orgânica: como se organizam as agricultoras agroecológicas do noroeste rio-grandense” desenvolvido por Vieira, Fischer e Petry (2020) teve como objetivo conhecer o papel da mulher agricultora rural nos novos processos produtivos em curso voltados a atualizar o lugar rural nas sociedades contemporâneas a partir do sistema de produção da agroecologia. Teve a participação de 5 mulheres agricultoras que residem em área rural de três municípios localizados na região noroeste rio-grandense com faixa etária entre 29 e 54 anos de idade. Nesta pesquisa é informado que as participantes possuem deste o ensino médio até pós-graduação, exceto a participante mais idosa não é informado o nível de escolaridade. Além disso, este estudo ainda informa que apenas uma das participantes da pesquisa não é a proprietária da terra que cultiva (VIEIRA;FISCHER;PETRY, 2020; RODRIGUES, 2022).

De acordo com Vieira, Fischer e Petry (2020), as participantes da pesquisa demonstram identificar-se em manusear a terra e com o trabalho agrícola. Sendo assim, desenvolvem com habilidade atividades relacionadas a produção de frutas e hortaliças orgânicas, mandioca, batata doce, inhame, alho, cebola, pimenta, pimentão, plantas medicinais, plantas alimentícias não convencionais, dentre outros. Uma das participantes tem uma microempresa agroindustrial de panificação com matéria prima agroecológica a qual produz pão de milho, pão integral, biscoito caseiro, macarrão e cuca. As famílias são compostas por até 6 pessoas e a renda familiar mensal varia de R\$ 3.000,00 a R\$ 12.000,00 proveniente da comercialização dos produtos.

Vieira, Fischer e Petry (2020) mencionam que as experiências relatadas pelas mulheres que participam neste estudo demonstram o poder, força e persistência das empreendedoras em



planejar, gerir e dar continuidade as atividades agrícolas e agroindustriais apesar das dificuldades encontradas não apenas na implementação do agronegócio, mas também em sua manutenção. Outro aspecto relevante diz respeito a valorização do intercâmbio de experiências entre as mulheres o qual pode ser considerado um fator importante na multiplicação dos saberes agroecológicos uma vez que todas elas demonstraram facilidade em apreender novos conhecimentos os quais podem contribuir significativamente para elevar a qualidade do seu produto e, em consequência disso, elevar a produção e venda e, por fim, gerar mais renda.

Em um estudo realizado por Rosa (2021) intitulado “Empreendedorismo rural feminino: mulheres na olivicultura da região sul do Rio Grande do Sul”, teve como objetivo principal analisar a atuação das mulheres empreendedoras da produção de olivicultura nesta mesma região. O estudo diz respeito a uma pesquisa de abordagem qualitativa do tipo descritiva e teve a participação de sete mulheres empreendedoras rurais que cultivam oliveiras. O instrumento de coleta de dados foi um roteiro de entrevista semiestruturada.

Os resultados deste estudo apresentam que, apesar do ambiente aonde as mulheres participantes desta pesquisa ser culturalmente influenciado por homens ao longo da história, o trabalho desenvolvido por mulheres empreendedoras rurais tem ganhado cada vez mais visibilidade e respeito além de possibilitar mudanças socioeconômicas nas famílias as quais estas mulheres fazem parte. Todas estas conquistas são resultados de suas lutas e embates. São mulheres que demonstram motivação em relação ao cultivo de olivas. Esta pesquisa revelou também que todas as participantes tem formação em curso superior e o cultivo das oliveiras não é a única fonte de renda uma vez que todas elas também desempenham outras atividades profissionais em paralelo que empreendem no âmbito rural (ROSA, 2021).

Algumas dificuldades citadas pelas participantes da pesquisa estão relacionadas a: preconceito machista em relação a atividade empreendedora no âmbito rural, estradas precárias de acesso ao local onde cultivam as olivas, bem como as adversidades climáticas que, algumas vezes, prejudicam no cultivo das oliveiras. Por outro lado, ressaltam que se sentem motivadas em relação ao empreendimento, e que, apesar dos desafios encontrados, a renda obtida no empreendimento viabiliza elevar a renda e, em consequência disso, eleva a qualidade de vida, bem como um investimento melhor para aposentadoria e sustento futuro (ROSA, 2021).

Uma investigação realizada por Aquino, Xavier e Muniz (2022) intitulada “Empreendedorismo cultural sustentável de mulheres indígenas do povo Kanindé de Aratuba, Ceará” teve como principal objetivo identificar o desenvolvimento do empreendedorismo cultural de mulheres indígenas na etnia Kanindé, seus desafios e importância para o desenvolvimento sustentável no contexto local. A comunidade indígena Kanindé é composta por 280 famílias e está localizada no município de Aratuba, no estado do Ceará, e faz parte da região do Maciço de Baturité, a 125 km da capital cearense, Fortaleza.

Após a autorização do cacique da aldeia foi realizado o contato com quatro mulheres indígenas, com faixa etária entre 46 e 69 anos de idade, identificadas como empreendedoras pelos seguintes critérios: donas do próprio negócio, que vendem variados tipos de produtos, tais como: artesanato em bordados de cama, mesa e tapetes feitos com tiras de tecidos; produção de



bijuterias artesanais; além de quintal produtivo; venda de animais de pequeno porte para consumo (tais como, porcos e galinhas), na feira do município; venda de ervas aromáticas e fitoterápicos, e; produção de alimentos orgânicos os quais são vendidos para escolas municipais através do Programa de Aquisição de Alimentos, conforme destacado por Siliprandi e Cintrão (2015).

A partir dos resultados obtidos nesta investigação é possível verificar que as mulheres indígenas desenvolvem suas atividades de plantio e extração respeitando a biodiversidade e sem o uso de produtos químicos consolidando assim uma postura e prática sustentável e agroecológica diante da biodiversidade local e corroborando o que é destacado no estudo de Davel e Cora (2016). Conforme apresentado por Aquino, Xavier e Muniz (2022) as participantes da pesquisa são mulheres conhecidas na região em que residem pelo trabalho empreendedor que realizam, e, por isso, a cada dia tem ganhado espaço no mercado de trabalho, onde a população a concebem como mulheres indígenas protagonistas de sucesso na feira municipal local e, devido suas histórias de vida e o reconhecimento do trabalho realizado, são consideradas mulheres importantes para a comunidade. Aquino, Xavier e Muniz (2022) ressaltam ainda que, apesar dos inúmeros desafios, algumas mulheres indígenas do povo Kanindé, por meio do empreendedorismo cultural, divulgam e perpetuam a cultura do povo indígena da etnia Kanindé ao comercializar os produtos artístico-culturais locais.

Além disso, os dados obtidos no estudo realizado por Aquino, Xavier e Muniz (2022) corroboram o que é mencionado por Silva (2015) no que diz respeito as dificuldades que as mulheres empreendedoras rurais encontram ao desenvolver uma atividade econômica no meio rural. Percebe-se ainda que as mulheres participantes desta pesquisa desenvolvem suas atividades empreendedoras levando em consideração as potencialidades existentes na área rural a qual estão inseridas, tendo como parâmetro as singularidades econômica, social, cultural e ecológica inerentes ao ambiente rural aonde residem. Por fim, foi possível perceber também que as participantes realizam suas atividades empreendedoras mediante um planejamento e organização de modo individual e/ou coletivamente as quais podem viabilizar e promover sua autonomia financeira principalmente em período mais difíceis e, em consequência disso, permitam ajudar suas famílias financeiramente quando for necessário.

Uma pesquisa realizada por Teles, Souza e Silva (2023) com a participação de 2 mulheres extrativistas que fazem parte da Comunidade Quilombola Monte Alegre. A referida comunidade está localizada entre os municípios de Cavalcante, Teresina e Monte Alegre, região nordeste do Estado de Goiás (IBGE, 2020). Este estudo objetivou analisar quais formas a associação e/ou a cooperação podem ser úteis às mulheres kalungas da Comunidade Monte Alegre na realização das atividades de extração e venda de sementes e frutos do cerrado no mercado.

De acordo com o que é apresentado pelos autores da pesquisa nesta comunidade quilombola as mulheres ocupam um papel importante destas atividades domésticas e no sustento da família, quer seja na agricultura agroecológica, bem como na extração de sementes e frutos, na troca e venda de produtos, e, por isso, enfrentam diversas dificuldades concernentes a rotina a qual precisam desenvolver de forma eficaz todas estas responsabilidades que precisam realizar diariamente, dentre atividades domésticas, familiares, no cultivo agrícola, na extração de sementes



e frutos, na comercialização e/ou troca de produtos, dentre outras. Diante deste contexto e conforme apresentado por Teles, Souza e Silva (2023), uma estratégia que pode contribuir no desenvolvimento das atividades econômicas realizadas pelas duas mulheres participantes da pesquisa diz respeito à realização do trabalho com embasamento no cooperativismo e/ou associativismo. Na concepção dos autores o cooperativismo e/ou associativismo pode ser concebida e Teles, Souza e Silva (2023) como uma alternativa para lidar com estes diversos desafios citados pelas mulheres participantes do estudo em questão.

Sobre a perspectiva da realização de atividades econômicas no âmbito rural com embasamento associativista e cooperativista Alves, Teixeira e Pereira (2017) apresentam que pode elevar o processo de produção e vendas e, em consequência disso, elevar também a renda das pessoas que estão envolvidas na produção. Xavier et al. (2020) ainda ressaltam que o associativismo e o cooperativismo são identificados como modos de organização as quais visam o fortalecimento de atividades econômico na sociedade e, principalmente, no que tange a comunidades tradicionais como é o caso da Comunidade Kalunga.

Os resultados obtidos por Teles, Souza e Silva (2023) apresentam que alguns dos principais produtos extraídos pelas mulheres participantes deste estudo são: algodãozinho, bani, sicupira, jatobá e mangaba. Cada um destes produtos tem uma forma de preparo e/ou processamento diferente, e, finalidades distintas. Alguns destes produtos extraídos são utilizados na área medicinal, exceto a mangaba que é utilizada na produção de doces. Os dados obtidos revelaram também que a cooperação e a associação econômica das mulheres kalungas participantes deste estudo ainda não acontecem de modo correspondente aos preceitos do cooperativismo e associativismo e, talvez seja esse o motivo pelo qual, ainda enfrentem dificuldades na gestão das atividades econômicas que desenvolvem. Tais resultados vai ao encontro do que é apresentado no estudo de Passos (2021) concernente os desafios de mulheres indígenas que buscam gerar renda mediante o desenvolvimento de atividades econômicas empreendedoras.

Teles, Souza e Silva (2023) ainda ressaltam que uma possível justificativa relacionada a dificuldade das mulheres participantes da pesquisa em apropriar-se do que é proposto pelo cooperativismo e associativismo pode ser devido à ausência conhecimento sobre a prática e gestão de negócios com embasamento nos preceitos do cooperativismo e associativismo, bem como na ausência de políticas públicas mais eficazes e inclusivas para o perfil do empreendimento e empreendedor das mulheres participantes nesta investigação.

## Conclusões

Os resultados encontrados nesta pesquisa apresentam a pluriatividade de funções exercida por mulheres que desenvolvem atividades econômicas e empreendedoras com embasamento no que é postulado pelos conhecimentos da agroecologia. Alguns das justificativas elencadas pelas participantes dos estudos consultados em desenvolver atividades empreendedoras foram: ajudar financeiramente a família, autonomia e/ou independência financeira, ter uma garantia de renda extra, dentre outros. Na realidade socioeconômica vivenciada pelas mulheres participantes dos



estudos consultados nesta revisão sistemática é possível perceber diversas possibilidades para o desenvolvimento de atividades econômicas empreendedoras mediante a agroecologia e, sobretudo, possibilitando as mulheres elevar a geração de renda, autonomia financeira, visibilidade em relação ao trabalho econômico que realizam e empoderamento.

Neste estudo é notório que a participação feminina na agricultura com embasamento agroecológico parece impulsionar o desenvolvimento socioeconômico rural, tanto no âmbito local e também regional. Ressalta-se ainda o cuidado com o meio ambiente e busca por conhecimentos agroecológicos relacionados ao cultivo, extração e/ou produção. As dificuldades encontradas pelas mulheres na manutenção e gestão do negócio são diversas, tais como, falta de investimento, excesso de atividades que precisam realizar além da gestão do próprio negócio, todavia, não são impedimentos para darem continuidade ao empreendimento. Visando lidar com estas dificuldades muitas delas buscam parcerias mediante o associativismo, cooperativismo, formação continuada sobre o que produzem dentre outras opções que possam contribuir com o negócio que desenvolvem.

Apesar de historicamente o papel da mulher parecer resumir-se aos cuidados com a família e com os afazeres domésticos, cada vez mais é possível observar a participação da mulher em atividades econômicas e empreendedoras, e, principalmente, no meio rural, onde ainda é muito visível o preconceito e desvalorização da mulher enquanto sujeito economicamente ativo e empreendedor.

## Referências

AQUINO, A. L. M. de; XAVIER, A. R.; MUNIZ, K. R. de A. Empreendedorismo cultural sustentável de mulheres indígenas do povo Kanindé de Aratuba, Ceará. *Revista Cocar*, v. 17, n. 35, 2022. p. 1-18. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/5960/2630>. Acesso em: 18 mai. 2023.

ALVES, I. C. P.; TEIXEIRA, S. M. dos S.; PEREIRA, F. B. A. Associativismo: abordagem teórica e seus princípios. 8ª Jornada de Iniciação Científica e Extensão do Instituto Federal do Tocantins, 2017. *Anais...* Disponível em: <https://propi.ifto.edu.br/ocs/index.php/jice/8jice/paper/viewFile/8422/3947>. Acesso em: 15 jun. 2023.

AZAMBUJA, T. C.; CHAGAS, J. C. N. das; FERREIRA, F. D. Teçume-Igapó: mulheres unidas pela Amazônia. *Revista Inclusão Social*, Brasília, DF, v. 12, n. 1, p. 172-182, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/4458>. Acesso em: 19 jun. 2023.

BARBOSA, L. O.; BIZARRIA, F. P. de A.; BARBOSA, F. L. S.; GUIMARÃES, S. C. Liderança feminina em contexto de economia solidária: o caso da feira agroecológica e cultural de mulheres no Butantã. *Revista Conjecturas*, v. 22, n. 2, mar./abr. 2022. Disponível em: <https://conjecturas.org/index.php/edicoes/article/view/713>. Acesso em: 20 jun. 2023.

BARBOSA, Y. R de S. Mulheres camponesas de Santa Catarina: semeando organização, agroecologia e feminismo. *Revista Agriculturas*, v. 12, n. 4, dez. 2015 p. 20-25. Disponível em: [https://aspta.org.br/files/2019/12/Agriculturas\\_V12N4.pdf](https://aspta.org.br/files/2019/12/Agriculturas_V12N4.pdf). Acesso em: 15 jun. 2023.

BETANHO, C.; LOPES, G. R.; LOPES, J. C. F. Agroecologia e economia popular solidária: alternativas para o desenvolvimento sustentável e emancipação feminina. *Cadernos de Agroecologia*, v. 15, n. 3, 2020. Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/6400>. Acesso em: 18 jun. 2023.



CAPORAL, F. R. **Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis.** Brasília: 2009. 30 p. Disponível: [http://www.cpatsa.embrapa.br:8080/public\\_eletronica/downloads/OPB2442.pdf](http://www.cpatsa.embrapa.br:8080/public_eletronica/downloads/OPB2442.pdf). Acesso em: 05 jun. 2023.

CHAVES, T. H. M.; MANESCHY, R. Q. Mulheres empoderadas, comida na mesa: o caso de mulheres horticultoras orgânicas da Vila Murumuru, Marabá-Pará. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, jul. 2018. Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/548>. Acesso em: 13 jun. 2023.

DAVEL, E.; CORA, M. A. J. Empreendedorismo cultural: cultura como discurso, criação e consumo simbólico. **Políticas Culturais em Revista**, Salvador, v. 9, n. 1, p.363-397, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/10035>. Acesso em: 15 jun. 2023.

GEORGIN, J.; WIZNIEWSKY, J. G.; ROSA, A. L. D. da; OLIVEIRA, G. A.; CAMPONOGARA, A. A participação feminina na agricultura agroecológica: um estudo do caso na região norte do Rio Grande do Sul. **Revista Monografias Ambientais**, v. 14, n. 3, p. 1-9, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/view/17868>. Acesso em: 20 jun. 2023.

HILLENKAMP, I.; NOBRE, M. Agroecologia e feminismo no Vale do Ribeira: contribuição para o debate sobre reprodução social. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 26, n. 52, p. 167-194, 2018. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/11707>. Acesso em: 20 jun. 2023.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Agudo: censo agropecuário.** Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/agudo/pesquisa/24/76693>. Acesso em: 10 jun. 2023.

KAI, F. O.; QUEIROZ, A. R. A. Revisão sistemática sobre empreendedorismo e empoderamento feminino na base de dados da *web of Science*. **Cadernos de Gestão e Empreendedorismo**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, mai.-ago. 2022. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cge/article/view/55753>. Acesso em: 15 jun. 2023.

LADEIRA, P. D.; SHOTTZ, V.; MOTTA, P.; FEITAL, A. A.; CARDOSO, E. M. Programa de formação feminismo e agroecologia: mulheres agricultoras superando as desigualdades de gênero na zona da mata de Minas Gerais. **Cadernos de Agroecologia**, v. 10, n. 3, p. 2015. Disponível em: <https://revistas.aba-agroecologia.org.br/cad/article/view/20187>. Acesso em: 18 jun. 2023.

LEAL, L. S. G.; FILIPAK, A.; DURVAL, H. C.; FERRAZ, J. M. G.; FERRANTE, V. L. S. B. Quintais produtivos como espaços da agroecologia desenvolvido por mulheres rurais. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, v. 7, n. 14, p. 31-54, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/9076/7252>. Acesso em: 18 jun. 2023.

LIMA, F. A. X.; VARGAS, L. P. Alternativas socioeconômicas para agricultores familiares: o papel de uma associação agroecológica. **Revista Ceres**, Viçosa, v. 62, n. 2, p. 159-166, mar-abr, 2015. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/27131/1/2015\\_art\\_faxlima.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/27131/1/2015_art_faxlima.pdf). Acesso em: 15 jun. 2023.

LOPES NETO, A. A.; FEITAL, A.; LOPES, A. I. de L.; ALMEIDA, A.; TELLES, L. Caderneta agroecológica: empoderando mulheres fortalecendo a agroecologia. **Revista Agriculturas**, v. 12, n. 4, dez. 2015 p. 43-47. Disponível em: [https://aspta.org.br/files/2019/12/Agriculturas\\_V12N4.pdf](https://aspta.org.br/files/2019/12/Agriculturas_V12N4.pdf). Acesso em: 15 jun. 2023.

NOBRE, M. Diálogos entre economia solidária e economia feminista. In: FARIA, N.; NOBRE, M. (Orgs.). **A produção do viver: ensaios de economia feminista.** São Paulo: SOF Cadernos Feministas, 2003. Disponível em: <https://www.sof.org.br/a-producao-do-viver-ensaios-de-economia-feminista/>. Acesso em: 22 jun. 2023.

PASSOS, S. J. Mulheres indígenas e o empreendedorismo cultural e financeiro: estudo na etnia



kanindé, Aratuba, Ceará, Brasil. **Monografia de Administração Pública**. Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/2670>. Acesso em: 30 mai. 2023.

RODRIGUES, F. C. C. Empreendedorismo feminino: Um mecanismo em busca da igualdade de gênero e autonomia econômica da mulher. **Trabalho de Conclusão de Curso**. Bacharel em Direito, 2022. 63 p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/233262>. Acesso em: 15 jun. 2023.

RODRIGUES, M.; ARISTIMUNHA DE LIMA, D. Mulheres empreendedoras no campo: a economia solidária como instrumento da agricultura familiar. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 8, n. 3, 14 fev. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/SIEPE/article/view/84841>. Acesso em: 17 jun. 2023.

RODRIGUES, C. de O.; LOPES, M. L. B.; SANTOS, M. A. S. dos. Empreendedorismo feminino e agricultura: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Pesquisa Sociedade e Desenvolvimento**. v. 11, n. 3, 2022. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/12181>. Acesso em: 19 jun. 2023.

SAMPAIO NETO, A.; CRUZ, L. T. S.; PACHECO, C. S. G. R.; ARAÚJO, J. L. P.; PADILHA NETO, A. de S.; SANTOS, M. H. L. C.; SANTOS, L. G.; SILVA, A. C. P. da; OLIVEIRA, A. P. B. de.; BRITO, M. V. S. G. Empreendedorismo feminino: O modelo de negócio da loja virtual “Empório QBonita” Cap. 6, p. 72-83. In: PACHECO, C. S. G. R.; SANTOS, R. P. (Org.). **Sociedade, tecnologia e meio ambiente: avanços, retrocessos e novas perspectivas**. [livro eletrônico], v. 3, Guarujá, SP: Científica Digital, 2022. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/220408663.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2023.

SCALABRIN, A. C.; MOURA, A. do S. F. de; CRUZ, B. da L.; SANTOS, J. F. dos; COSTA, M das G. de F.; SANTANA, M. dos S. Cadernetas agroecológicas e feminismo: o trabalho e a renda das agricultoras e extrativistas da amazônia paraense se tornam visíveis. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 3, p. 1-8, 2020. Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/6354>. Acesso em: 15 jun. 2023.

SCHOTTZ, V.; MARONHAS, M.; CARDOSO, E. É trabalho, não é ajuda! Um olhar feminista sobre o trabalho das mulheres na agroecologia. **Revista Agriculturas**, v. 12, n. 4, dez. 2015 p. 48-53. Disponível em: [https://aspta.org.br/files/2019/12/Agriculturas\\_V12N4.pdf](https://aspta.org.br/files/2019/12/Agriculturas_V12N4.pdf). Acesso em: 15 jun. 2023.

SILIPRANDI, E.; CINTRÃO, R. As mulheres agricultoras no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). **Revista Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, SP, v. 18, n. 2, p. 13-32, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/san/article/view/8634675>. Acesso em: 11 jun. 2023.

SILVA, M. A. da. Abordagem sobre trabalho artesanal em histórias de vida de mulheres. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 31, n. 55, p. 247-260, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/36810/24749>. Acesso em: 18 jun. 2023.

SILVA, P. L. B. da; SOARES, J. C.; CARNEIRO, L. C. A.; SIQUEIRA, J. C. de C. Empreendedorismo social: estudo das representações das mulheres artesãs de Barbacena-MG. **Ágora: revista de divulgação científica**, v. 27, p. 23-44, 2022. Disponível em: <http://www.periodicos.unc.br/index.php/agora/article/view/3764>. Acesso em: 22 jun. 2023.

SIMÕES, A.; GAIA, K. N. Mulheres extrativistas e inovação agroecológica: a experiência com o murumuru (*Astrocaryum murumuru* Mart.). **Revista Universidade e Meio Ambiente**, v. 7, n. 2, 2022, p. 63-79. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/reumam/article/view/13902>. Acesso em: 22 jun. 2023.

TELES, T. F. da C.; SOUZA, J. B. D. de.; SILVA, E. A. Cooperação e associação econômica de



mulheres kalungas na extração e venda de sementes e frutos do cerrado: um estudo na comunidade quilombola de Monte Alegre/GO. *Revista Altus, Ciência*, v. 17, n. 17, p. 222-242. Disponível em: <http://revistas.fcjp.edu.br/ojs/index.php/altusciencia/article/view/83/76>. Acesso em: 22 jun. 2023.

VIEIRA, M. G. M.; FISCHER, J.; PETRY, C. Vivências femininas da agricultura orgânica: como se organizam as agricultoras agroecológicas do noroeste rio-grandense. *Revista Latino Americana de Geografia e Gênero*, v. 11, n. 2, p. 82-107, 2020. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/16474/209209214014>. Acesso em: 20 jun. 2023.

XAVIER, L. F.; CASTRILLON JUNIOR, D. A. de C.; MARIANI, M. A. P.; SANTOS, J. F. da S. O associativismo em territórios quilombolas: um estudo na Comunidade Quilombola Chácara do Buriti em Campo Grande/MS. **58º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**, Foz do Iguaçu, PR, 9-13 ago. 2020. Disponível em: <https://even3.blob.core.windows.net/anais/254016.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2023.